





A GUERRA AÉREA ATUAL

Transcrição da Comunicação apresentada pelo Tenente-Coronel João «Jedi» Rosa no 1.º Seminário Mais Alto, realizado no Auditório da Academia da Força Aérea, na Granja do Marquês, dia 29 de maio de 2017*



Foto USAF

B-17 *Flying Fortresses* do 398th Bombardment Group da Força Aérea Norte-Americana

A Guerra Aérea Atual começa pela palavra «guerra» que comporta muitas definições como esta que apresento: é uma disputa entre dois ou mais grupos de indivíduos, mais ou menos organizados, que pode dar-se entre países, entre grupos do mesmo país ou entre grupos menores de países diferentes. Já tivemos vários tipos de guerras, vários conceitos, como guerra mundial, guerra santa ou guerra fria, entre outras. Mas hoje trataremos da Guerra Aérea.

A Guerra Aérea não é mais que a utilização de meios aéreos, sejam armas, sejam aeronaves, seja poder aéreo genérico, como adiante iremos falar, com um propósito bélico.

Peço-vos agora que pensem um pouco na guerra como um choque de poderes, sendo que o poder é a soma de uma capacidade com uma vontade. A nossa Força Aérea tem poder como outro qualquer, temos a nossa capacidade estabelecida e temos uma vontade de aplicar essa capacidade. Sendo assim, este choque de poderes pode ser da mais variada dimensão, podemos ter os Estados Unidos a lutar contra o Bangladesh, tal como podemos ter os Estados Unidos a lutar contra a Rússia. E falo-vos disto porque é interessante para a próxima discussão enquadrar aqui dois conceitos do qual nem todos nós estamos ao corrente. Um deles é a guerra regular *versus* a guerra irregular. A guerra regular é uma guerra que é combatida entre dois exércitos, perfeitamente definidos, pertencentes a uma nação, que têm um território definido com fronteiras e que têm uma linha perfeitamente clara que divide os civis de militares. A guerra irregular é exatamente o contrário, é uma guerra que em oposição à guerra regular não cumpre necessariamente regras como a guerra regular, que em princípio deverá cumprir pelo menos algumas. O outro tipo de guerra que é interessante para mais à frente enquadrar o que iremos referir é a que opõe a guerra simétrica à

guerra assimétrica. A primeira trava-se entre grupos devidamente equilibrados enquanto a segunda tende a ser uma guerra desequilibrada, não necessariamente com um fim definido ou resultado já conhecido, como foi o caso do Vietnam, mas uma guerra em que à partida alguém é mais poderoso com uma capacidade ou vontade superior ao seu adversário. Uma guerra simétrica será uma Grande Guerra Mundial, uma guerra assimétrica será a Guerra no Afeganistão, que ainda hoje decorre.

Chegamos agora à definição de Poder Aéreo, que tem duas formas de ser visto: num sentido mais amplo e num sentido mais restrito. Num sentido mais amplo o Poder Aéreo nacional é uma potencialidade, é tudo aquilo que nós potencialmente podemos usar para ter mais poder. É um cadete, é uma indústria aeronáutica, é um avião da TAP, é um avião militar, enfim, tudo aquilo que voa, tudo aquilo que pode contribuir para ter poder aéreo faz parte do nosso Poder Aéreo. Num sentido mais restrito é uma capacidade que temos e que estamos preparados para utilizar no imediato.

As características de um poder aéreo terão que passar pela velocidade, alcance, poder de fogo e poder de manobra. As suas capacidades são a flexibilidade, o poder de penetração, a capacidade de destruição e a mobilidade.

Vamos agora, de um modo doutrinário, enquadrar os vários tipos de operações aéreas:

Luta Aérea – a componente da Luta Aérea só tem um objetivo, criar condições para que as outras possam interferir, para que se possa fazer um ataque, para que se possa fazer um transporte, para que se possa fazer uma evacuação. Portanto, a Luta Aérea só tem um objetivo: criar temporariamente, mas por um determinado período de tempo suficiente para que os outros possam completar a sua missão, superioridade aérea



F-16 Fighting Falcon equipado com o Targeting Pod

ou supremacia aérea. Para se ter uma noção, nas últimas seis décadas o Exército Norte-Americano nunca lutou sem superioridade aérea, nunca teve uma baixa por ação direta de uma aeronave hostil, nem nunca teve que disparar um míssil superfície-ar. Isto quer dizer que a superioridade aérea é de tal maneira vinculada e de tal forma obtida que não se torna necessário sequer o seu sistema de defesa terrestre antiaéreo.

Existe a Luta Aérea ofensiva e a Luta Aérea defensiva. A ofensiva tem o objetivo de destruir, perturbar ou degradar e isto serve somente para danificar as capacidades aéreas do inimigo. A defensiva tem um efeito imediato semelhante, mas com um propósito oposto. Pretende detetar, identificar, inter-cetar, destruir ou negar capacidade ao indivíduo, protegendo assim os interesses vitais amigos;

Ataque – o Ataque Estratégico divide-se em duas áreas, as operações terrestres e as operações marítimas. Nas operações terrestres existe o *Air Interdiction* e o *Close Air Support*, sendo o primeiro uma missão mais planeada cujo alvo já é conhecido antecipadamente não necessitando de coordenação direta com as forças amigas e o segundo uma missão realizada «ao vivo», como nós costumamos dizer, em que as forças amigas estão em proximidade com o inimigo, o que requer coordenação de fogos. Nas operações marítimas temos o *Anti-Surface* e o *Anti-Submarine*, indicando o próprio nome o que estas missões representam;

Mobilidade Aérea – existem dois tipos de Mobilidade Aérea, Inter-Teatro e Intra-Teatro. A própria nomenclatura indica o que são, o Inter-Teatro é estratégico, é entre teatros de operações; o Intra-Teatro é tático, é dentro do mesmo teatro de operações. Servem para projetar, para sustentar, para reforçar, para prestar auxílio logístico e para infiltrar ou extrair forças amigas no terreno. Estão divididas em várias áreas e é aqui



Foto SDFACAV/1 Sar Carlos Barbosa

C-295M na configuração ISR

que se encontra o *Air-to-Air Refueling* ou as operações de evacuações aeromédicas, entre outros tipos de ações;

Joint ISR – o *Joint Intelligence Surveillance Reconnaissance* é um mundo cada vez mais explorado. O ataque, a luta aérea e o transporte parecem óbvios e têm décadas de história, mas o Joint ISR, apesar de um grande enquadramento histórico, é uma capacidade relativamente nova. Temos o C-295, o P-3 e os nossos UAVs que contribuem com o chamado Joint ISR. Há ainda o Non Tradicional ISR que pode ser feito pelo *targeting pod* de um F-16 a bordo de uma aeronave de ataque.

Voltando à Guerra Aérea Atual, obviamente que há situações que ainda não mudaram. Já Sun Tzu no século IV antes de Cristo dizia, e hoje em dia nós temos que fazer o mesmo, que temos que conhecer a natureza do nosso inimigo, que tipo de liderança é que ele tem, que tipo de meios, como é que ele está organizado, quais as motivações e qual a natureza do ambiente de combate onde nos vamos encontrar com ele. Aquilo que hoje é relativamente novo, mas que é ex-

Foto SDFA/CAV



um bombardeamento que cai 20 metros ao lado de onde devia cair, que cai numa escola em vez de cair num abrigo de terroristas, tem um impacto terrível. O momento aceite da decisão de os Estados Unidos retirarem do Vietnam foi o momento em que foi publicada uma fotografia com uma menina queimada por *napalm* a correr num local do Vietnam. Diz-se nos bastidores que foi o momento chave para se iniciar a retirada daquele território. E se naquele tempo havia um fotó-

tremamente importante, é a dimensão das restrições militares que são impostas ao Poder Aéreo. Se os Estados Unidos da América fizessem um ataque nuclear massivo ao Afeganistão já tinham resolvido o problema há muito tempo. Claro que hoje em dia isso é completamente inaceitável, mas este é o ambiente em que nós vivemos. Este é o ambiente com o qual a Guerra Aérea Atual tem que viver. Não pode contar só com a tal capacidade e a tal vontade, tem que contar com tudo o que rodeia o meio militar com todas as restrições que temos, nomeadamente com a limitação imposta e muita vezes necessária que é feita ao Poder Aéreo, em paralelo com o Efeito CNN. Este Efeito CNN tem a ver com a guerra que é vivida em direto, ou seja, tudo aquilo que é feito hoje. Por exemplo,

grafo no Vietnam, hoje em dia há milhões de fotografias e de vídeos. Os próprios terroristas têm meios de publicitar imediatamente tudo que é mal feito por nós. Esta dimensão das restrições militares é cada vez mais atual e mais importante.

A Guerra Aérea Atual é feita, tem que ser feita, em supremacia aérea. Não haja quaisquer dúvidas neste ponto. A importância das informações, do reconhecimento e da vigilância, seja tradicional ou não, é cada vez mais relevante e aquele poder, aquela capacidade, não se pode restringir a quantas armas é que eu consigo meter no alvo e qual é o meu poder de fogo ou de transporte. Hoje em dia, o meu poder de estar atualizado é, provavelmente, tão ou mais importante que o meu poder de fogo. Quanto ao armamento de pre-

cisão, hoje é imprescindível. O Afeganistão é um fim do mundo e não foi ali largado armamento de não precisão naquele ambiente e se não é naquele ambiente não é mais nenhum.

Genericamente há duas formas de largar este armamento, por guiamento *laser* ou por guiamento GPS. *Laser* pode ser guiado pelo próprio ou por outro, é normalmente utilizado para alvos em movimento, mas obriga a uma meteorologia aceitável. O guiamento GPS não precisa de meteorologia,

tempo, e depois, se não houver um profundo conhecimento das regras de empenhamento essa informação nunca pode ser bem utilizada ou pode ser utilizada com efeitos nefastos.

O **Time Sensitive Targeting** não deixa de ser um alvo, como todos os outros, tem é um momento de exposição sensível e que nós normalmente podemos não saber. Hoje é comum serem desviados. Muitas das missões no Afeganistão foram feitas sem qualquer tipo de planeamento ou a desviar aere-



funciona à noite, de dia e com qualquer meteorologia. Tem, porém, duas contrariedades: precisamos de uma boa qualidade de coordenadas, atualizadas e com a precisão desejada; por outro lado, só serve para alvos fixos. Hoje em dia – e Portugal já tem esse tipo de armamento, a GBU49 – existem as *dual weapons*, ou seja, o piloto a bordo pode escolher quais os guiamentos que quer utilizar, permitindo completa flexibilidade.

Hoje, os pilotos são gestores de informações e de tarefas. Não chega já ter «boas mãos», é preciso saber gerir a informação que chega aos pilotos. A bordo do F-16 recebemos dezenas de fontes de informação e de vários tipos, e nós temos que saber priorizar, qual é que temos que usar, em que

ves que estavam planeadas para outro alvo, e uma das razões foi exatamente este Time Sensitive Targeting.

Outro conceito muito ligado à Guerra Aérea Atual tem a ver com **Dynamic Targeting**, em que há um conjunto de regras que são passadas ao piloto e que este, com essas regras, tem que saber exatamente, ao ver um alvo, o que é que pode fazer com aquele alvo. Ele só recebe três tipos de missões: para investigar aquele alvo, para destruir aquele alvo ou para destruir após investigação. Basicamente, o piloto identifica um alvo, tem que garantir que em redor daquele alvo não há *Collateral Damage* significativo, de acordo com as regras de empenhamento, e então utiliza ou não o armamento de acordo. Podem assim ficar com uma ideia do que é a responsabili-



Foto: SDF/CAV

FACs – Forward Air Controllers

CICLO DE PLANEAMENTO DE 72 HORAS



dade de estar a bordo de um F-16 a 30000 pés, onde esta informação toda, por vezes, não é fácil de coletar.

O **Circular Error Probability** é mais uma informação que o piloto usa. Um armamento de precisão hoje tem cerca de 20 pés de CEP, o que significa que 50% das armas utilizadas vão ficar a cerca de 20 pés do que é pedido pelo piloto. Estamos a falar de uma fiabilidade e de uma precisão muito elevada.

O **TACP**, que não posso deixar de referir neste fórum, são por exemplo os FACs (*Forward Air Controllers*). Trata-se de uma equipa que hoje em dia – desde o início do Afeganistão até 2007 foi triplicado o número de pedidos de TACP e, ainda assim, ficou em cerca de metade das reais necessidades no teatro – é fundamental, é requerido em qualquer teatro de operações, seja logo no início, seja na zona de estabilização, e cada vez mais porque é um elemento preponderante, é quase um superatleta. Tem que ser um militar topo de gama e com uma consciência digna de referência.

Uma alusão também ao **fratricídio** que é desagradável para

quem falece por ação de fogo amigo e que é uma preocupação constante hoje em dia desde o mais alto nível decisório até quem está a executar a missão.

Atualmente, o **planeamento** tem que ter uma capacidade de reação praticamente imediata. Os nossos generais têm que estar posicionados e capazes de decidir quase «ao vivo e a cores» porque a guerra, hoje em dia, também é decidida e feita «ao vivo e a cores». Temos então um ciclo de planeamento de 72 horas, desde que há a coordenação entre as componentes até à avaliação dos danos que conseguiram ser infligidos no alvo. É realmente de salientar a rapidez com que se realiza este tipo de missões hoje em dia.

Também não posso deixar de referir que cada vez mais nós tornamo-nos independentes do Poder Terrestre. Após esse momento, quase que nos afastamos e agora estamos outra vez a atingir um momento em que a interdependência e ligação entre o Poder Aéreo e o Poder Terrestre são cruciais nos dias que correm. A expressão *boots on the ground* já se ouve há muito tempo. Esta frase do Lieutenant General David Barro, que «roubei» de um estudo do Coronel João Vicente, diz tudo sobre o que é o Poder Aéreo juntamente com o Poder Terrestre: «*While it takes "boots on the ground" to win a counter insurgency fight, it takes airpower to move, supply, and protect those boots on the ground*».

Sobre o **esforço na busca do efeito**, na Segunda Guerra Mundial, para destruir uma fábrica alemã, foram necessários 230 B17 com 5000 libras de bombas cada um deles e o custo total dessa missão expressou-se em 639 tripulações e 60 aeronaves. De uma missão relativamente semelhante, no Iraque, em 2003, para destruir a acessibilidade ao Comando e Controlo foram utilizados 12 F117 com 4000 libras de bombas cada um e com sucesso.



B-2A Spirit



F-117 do 37th Tactical Fighter Wing

Já na **eficácia na busca do efeito** um exemplo idêntico. Na Segunda Guerra Mundial, para um determinado alvo foram precisos 1000 B17 com 9000 bombas de 250 libras cada para destruir um alvo com CEP de 3300 pés. Na Sérvia, um B2 com 16 bombas de 2000 libras conseguiu cobrir 16 alvos com um CEP de 20 pés.

É esta a diferença da Guerra Aérea Atual com uma guerra, não tão longínqua quanto isso, há 60 anos atrás.

CONCLUSÃO

Uma panóplia de atores internacionais permitem toda uma gama do espectro de conflito, ou seja, os nossos chefes terão dificuldade em preparar a Força Aérea atual, e a futura, porque nós tão depressa podemos ser chamados a intervir num conflito de alta intensidade, como podemos ser chamados a

intervir em conflitos irregulares, como é o exemplo do Daesh e da Al-Qaeda;

O Poder Aéreo, ainda que vanguardista, tem-se inventado, tem-se adaptado, reinventado e auto caracterizado, mas *there's only this much we can do*.

O Poder Aéreo tem-se revelado mais eficaz em operações de combate em grande escala do que nas chamadas fases de estabilização como a do Afeganistão. No Iraque, 30 dias depois de lá terem entrado os norte-americanos, o Presidente George Bush deu como encerrada a operação aérea de grande escala, que foi talvez o pico de utilização do Poder Aéreo. Os tempos seguintes foram complicados e continuam a sê-los, que é a tal fase de estabilização.

Há uma crítica aberta da maior potência militar mundial ao desinvestimento na defesa da NATO, por outro lado sofremos fortes constrangimentos orçamentais. Vivemos igualmente numa época em que coabitam as *Assurances Measures* – um pedido da NATO para reforçar a presença militar em torno dos países de leste; uma presença massiva, com muitos homens, muitas máquinas, muito poder – e os conflitos assimétricos. A pergunta que deixo é como manter a capacidade e proficiência em ambas? Obviamente que não são a mesma coisa. Em termos de preparação, o nosso País não tem capacidade para as duas opções em aberto e em completo. E, na minha ótica, é este o desafio que se põe ao futuro médio/longo prazo da nossa Força Aérea.

«Flexibility is the key to Air Power» 🚩

* Realizada por Carlos Serejo